

Especial

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES:

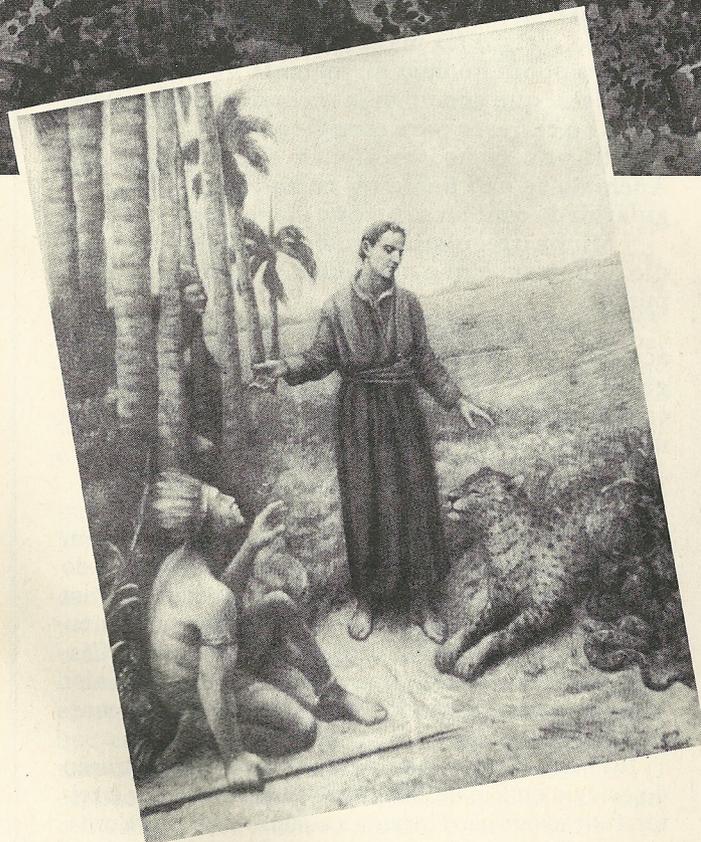
Anchieta nasceu na ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias, em 1534. Aos quatorze anos foi estudar em Coimbra. Três anos depois, tornou-se noviço na Companhia de Jesus. Tendo contraído uma doença óssea, foi enviado ao Brasil com uma comitiva de missionários, todos doentes, na esperança de que o clima da colônia lhes fizesse bem e de que pudessem, depois, trabalhar. Após difícil viagem, chegam à Bahia e depois a São Vicente.

O Irmão José participa do grupo de religiosos que vai fundar o Colégio de São Paulo, no Planalto de Piratininga. Ensina latim no colégio. E, dando catecismo aos indiozinhos, aprende tão bem a língua tupi-guarani, que elabora uma gramática e escreve inúmeros textos nesta língua.

Em 1562, acompanha Padre Manoel da Nóbrega na difícil missão de pacificar os tamoios. Fica entre estes, cinco meses, como refém. Neste período compõe o seu famoso Poema à Virgem. Ao voltar a Piratininga, deixa saudade entre os tamoios, que já haviam se tornado seus amigos.



O Amigo de todos



Muitos milagres foram atribuídos ao beato Anchieta. À esquerda: a ressurreição e o batismo do índio Diogo.

Anchieta volta contente para seu povo de Piratininga. Após o tratado de paz com os tamoios, o terrível espectro da guerra ficou afastado.

Entretanto, pouco tempo depois, os índios que vivem nos arredores de Piratininga se vêem dizimados por outro invencível inimigo. Desta vez não são tribos inimigas, nem soldados invasores. É a epidemia de varíola que se alastra rapidamente nos anos de 1563 e 1564, fazendo inúmeras vítimas.

É uma doença para a qual não existe remédio nessa época. E recursos médicos na colônia são praticamente inexistentes. O irmão José se dobra para cuidar dos doentes nas várias aldeias e para levar-lhes, ao menos, algum conforto espiritual. Não mede sacrifícios para atender os constantes chamados dos índios, que por isso o consideram como o melhor amigo.

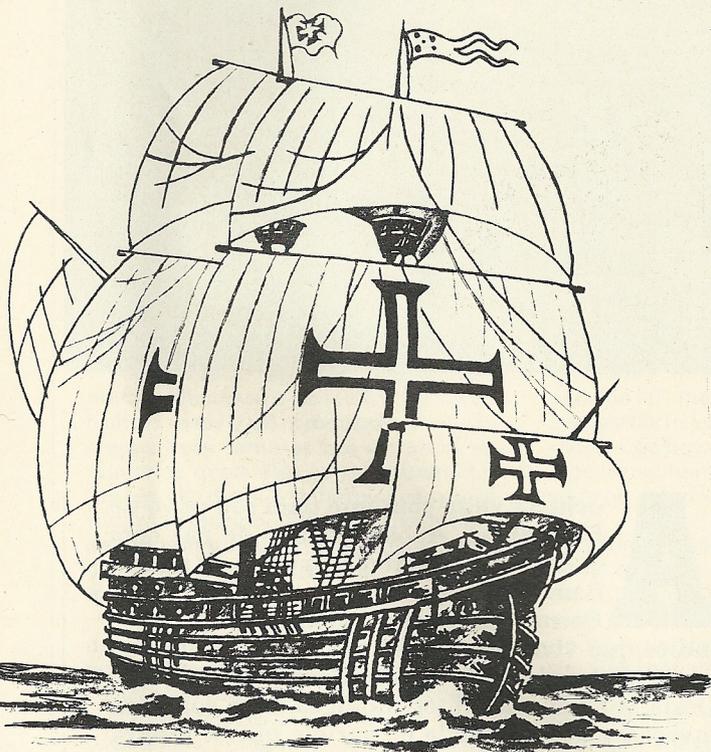
Enquanto Anchieta ainda se encontra empenhado na luta contra a varíola, chega-lhe inesperadamente a ordem de ir a São Vicente, para assumir outra missão, ainda mais difícil e delicada.

Estácio de Sá, comandando uma armada vinda de Lisboa, encontra-se em São Vicente. Ele está se organizando para desalojar os franceses da Guanabara, onde novamente se tinham fortificado, agora no morro de Biraossumirim, (hoje o da Glória) e no local de Paranapucuí, no Maracajá (a atual Ilha do Governador).

O chefe da expedição militar portuguesa, a conselho de seu tio, o Governador-geral Mem de Sá, pede apoio espiritual a Manuel da Nóbrega. Este recorre ao Irmão José que, com o Padre Gonçalo de Oliveira, acompanham a tropa de soldados e índios, para lhes dar assistência.

Em princípios de 1565, Estácio de Sá se estabelece junto ao Pão de Açúcar. Aí funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e a fortifica com muros de taipa.

Seguem-se meses de escaramuças com os franceses e tamoios. O jovem capitão-mor sai sempre vencedor, devido mais a sua criatividade do que aos poucos recursos bélicos de que dispõe. Uma vez, ao ser atacado por 180 canoas inimigas, faz explodir um barril de pólvora. É como se um guerreiro celeste viesse lutar pelos portugueses. O pânico se apossa das ubás inimigas, que debandam em desordem.



Um mês após sua chegada ao pequeno Forte de São Sebastião, Anchieta é enviado à Bahia para relatar a Mem de Sá a precária situação de seu sobrinho. O governador, tomando conhecimento dos fatos, pede mais socorros a Portugal, para completar a expulsão dos franceses.

Mas não é apenas este o motivo de Anchieta ir à Bahia. Com seus 32 anos e já tendo trabalhado muitos anos no Brasil, já é tempo de se ordenar sacerdote. E, na Bahia, sob a orientação do Padre Quirício Caxa, deve completar seus estudos de teologia.

O Irmão José passa um ano e meio estudando a Sagrada Escritura e analisando os melhores manuais de teologia da época.

Em junho de 1566 recebe as ordens menores e as de subdiácono e diácono. Em agosto do mesmo ano, é ordenado sacerdote por Dom Pedro Leitão, que fora seu colega nos estudos de Coimbra.

Uma vez ordenado, o novo sacerdote recebe ordem de voltar para o sul. E toma viagem com os navios vindos de Portugal, para ajudar Estácio de Sá na expulsão dos franceses. A esquadra comandada pelo próprio Governador-geral Mem de Sá, vai parando pelos portos, arregimentando índios e soldados.

A 19 de janeiro de 1567 chegam ao Rio. Logo no dia seguinte desfecham tremendo ataque contra o reduto de Biraossumirim e depois contra a Ilha de Maracajá, derrotando os franceses e tamoios. Estácio de Sá, porém, não teve sorte: foi ferido no rosto por uma flecha envenenada, vindo a morrer um mês depois.

Os franceses não tiveram sorte melhor. Muitos morreram em combate e alguns foram presos com as armas na mão e por isso condenados à morte. E aí Anchieta se envolve também num incidente que vem a causar posteriormente muita polêmica.

Pedem a Padre Anchieta para visitar os franceses condenados a morte, e principalmente um deles que se recusa a aceitar os auxílios religiosos. É uma tarefa árdua e delicada, que o missionário assume com bondade e perseverança. O condenado acaba acolhendo as palavras de Anchieta e inclusive se dispõe a confessar e a receber a Eucaristia.

O guerreiro francês vai à forca. No momento do suplício, o algoz faz mal o nó, com o risco de desesperar o pobre homem no instante de sua agonia. Anchieta, que acompanha o condenado, percebe e avisa o carrasco para corrigir o erro.

Intrigado, como isso, alguém depois pergunta a Anchieta se não temia ter cometido alguma irregularidade canônica. Ao que ele responde:

– Minha irregularidade, se existisse, tinha remédio; o homem é que não tinha, se morresse desesperado.

Tempos mais tarde, por este ato, Anchieta seria acusado de instrutor dos algozes. Mas a Congregação dos Ritos que estudaria sua causa de beatificação, após longa análise do fato, o declararia como exímio ato de caridade.

Com a derrota dos invasores franceses, Mem de Sá decide fundar novamente a cidade do Rio de Janeiro em local mais adequado. Para isso, escolhe o morro de São Januário, o mesmo que mais tarde receberia o nome de Castelo, por causa da fortaleza aí erguida. O governador cede à Companhia de Jesus um terreno para a construção de um colégio.

Nóbrega é designado para preparar a construção do colégio do Rio de Janeiro do qual deveria ser o reitor, função que não chegaria a assumir pois viria a morrer em 1570, antes de concluir a construção do colégio.

Anchieta fica sendo o superior das casas religiosas de São Vicente e Piratininga. Como sacerdote e superior, ele assume agora atividades diferentes na terra



Os índios eram os preferidos de Anchieta

e entre o povo que já conhecera muito bem, quando catequista, intérprete de tupi e mestre de latim.

Seus antigos alunos, são agora homens feitos, que o procuram para celebrar-lhes o casamento, pedir conselhos, batizar-lhes os filhos. O sacerdote os acolhe com bondade e lhes dá orientação segura.

Suas preferências, porém, continuam a ser os índios. Visita-os com frequência, tanto nas aldeias de Pinheiros e São Miguel, em São Paulo, como na de Itanhaém.

Nesta parte do litoral de São Vicente, tinham vindo habitar os índios chamados Maramomis ou Guaianas, de raça tapuia. Anchieta manda Padre Manoel Viegas conhecê-los e assisti-los. E este sacerdote se torna o primeiro conhecedor da língua daquela raça, traduzindo a Doutrina que Padre José escreveu em tupi e elaborando o manual de gramática dessa língua.

Anchieta defende por todos os modos a liberdade indígena. É o que o Padre Quirício Caxa, seu primeiro biógrafo, escreverá tempos depois:

«Em pregações e práticas, repreendia e estranhava os maus tratamentos que os portugueses faziam aos índios. Querendo uns homens em São Vicente fazer uma entrada até os Carijós, fizeram dois navios rápidos. Acudiu Padre José e publicamente repreendeu e estranhou aquela entrada, pelas muitas injustiças que contra os pobres índios se haviam de cometer; mas eles foram por diante com sua determinação. O capitão de um dos navios sonhou, uma noite, pelo mar, que caía por um rochedo abaixo, e que o Padre José lhe pegara pelo capacet e o tirara, repreendendo-o do caminho que levava. Acordando pela manhã, mandou virar a proa e retornou para sua casa. O outro quis continuar viagem, mas ele e toda gente se perdeu».

A constante defesa que Padre José faz dos índios, é extensiva a todos que se encontram em situações difíceis ou são perseguidos. Uma vez ele fica sabendo que dois desertores de guerra do Rio haviam fugido para o sertão e lá se encontraram com suas famílias, levando uma vida isolada e, inclusive, com a possibilidade de sublevar os índios.

Anchieta vai até as autoridades e assegura o perdão para eles. Depois parte, em longa e perigosa viagem, para induzi-los a voltar ao povoado cristão. Junto com Padre Vicente Rodrigues, em canoas de índios, vão descendo o rio Tietê, rezando as horas de Nossa Senhora da Conceição.

Em uma das corredeiras a barca vira e Anchieta, que não sabe nadar, vai ao fundo. Araguassu – um índio que estimava tanto o padre ao ponto de deixar a própria família para acompanhá-lo nesta viagem – mergulha e o encontra no fundo. Mas não consegue tirá-lo. Volta à tona para respirar. Mergulha pela segunda vez, o índio o agarra pela batina e o traz à superfície. Os outros companheiros lançam-lhe um cipó e o puxam até a margem.

Para a admiração de todos, Anchieta encontra-se sereno. Ele tinha certeza de que a Mãe de Deus o auxiliaria, porque havia rezado a ela antes do naufrágio.

Este lugar passaria a ser lembrado depois com o nome de Avaremanduaba, “lembrança do Padre”.

Enfim, comovidos por todo o sacrifício de Padre José e assegurados do perdão das autoridades, os dois desertores, mesmo com enorme sacrifício, voltam com suas famílias para o povoado dos cristãos.

A simplicidade e a dedicação sem limites do Padre José conquistam a afeição principalmente daqueles que mais sofrem e podem encontrar nele algum consolo, algum apoio, alguma palavra de compreensão. Mas o missionário não deixa de usar também as palavras para orientar e esclarecer. Suas pregações penetram os corações e as mentes como a luz do sol, para iluminar e aquecer. Uma mulher do povo, ao ouvir os sermões do Padre José, diz:

– O Espírito Santo põe na boca do padre o que há de dizer, como a pomba, na boca do filho o que há de comer.

Mas não é só através das pregações de Anchieta que o povo recebe instrução religiosa. Em não raras ocasiões, os índios e colonos portugueses, podem apreciar as peças teatrais compostas e dirigidas pelo padre. É devido à beleza destas muitas peças, que Anchieta seria reconhecido mais tarde como fundador do teatro brasileiro.

Um dia, quando Padre José se encontra em missão na ilha de Itaparica, uma velha índia doente pede para chamá-lo. Ela quer se confessar. O padre entra na cabana e se assenta ao lado da rede, sobre um tronco requeimado. O dono da casa quer arrumar-lhe um assento melhor, ao que Anchieta responde:

– Deixe estar, que já me darão, daqui a pouco, outro assento de menos gosto meu.



Ao terminar a confissão, chega o recado para Anchieta ir logo para Salvador. Lá recebe uma carta do Superior Geral, nomeando-o Superior Provincial dos Jesuítas no Brasil.

É no Colégio da Bahia, no ano de 1577, que Anchieta recebe o cargo do Padre Tolosa. É um ato comovente. Padre José, pedindo que todos o ajudem com as orações, beija os pés de todos os religiosos presentes, tal como o fez seu predecessor ao se despedir no dia anterior.

Esta atitude de serviço e humildade é uma nota dominante durante os dez anos em que Anchieta desempenha a função de Provincial, tal como vão reconhecer seus primeiros biógrafos:

«Posto no cargo, que aceitou com muito sentimento e angústia de seu coração, não mudou nada de seu andar comum e acostumado: nem para com os índios, aos quais acudia a pé e descalço, todas as vezes que podia furtar o corpo às obrigações de seu ofício; nem no tratamento de sua pessoa, pois se restringia ao indispensável e não fazia pesar nada a ninguém...».

Com o pequeno navio “Santa Úrsula”, que Padre Tolosa mandara construir, Anchieta pode visitar freqüentemente todas as casas jesuíticas.

Nestas visitas, mostra-se sincero amigo de todos, sabendo unir a bondade à justa exigência da observância religiosa.

Um dia, o superior de uma casa lhe diz que não deixa passar falta no súdito sem o emendar. Anchieta o louva por isso, mas acrescenta:

– Antes de falar com o súdito sobre sua falta, o superior deve chorá-la duas ou três vezes diante de Deus.

Outra vez Anchieta pergunta a um padre por que procedeu tão asperamente com um súdito.

– Quem me deu o ofício – disse o sacerdote – me disse que não deixasse passar ocasião em que pudesse exercitar os irmãos em paciência.

– Pois eu – retruca Padre José – em nome de Deus, retiro de você esta roupa de rigor e o visto com outro hábito de mansidão. Você nunca deve dar, a nenhum súdito, a ocasião de impaciência, mas sim, de todo amor e afabilidade.

O primeiro biógrafo de Anchieta, que o conheceu muito bem, daria o seguinte testemunho:

«Nunca o viram irritado contra ninguém, nem com gente de fora, nem com as pessoas de casa. Tudo conseguia com brandura. Era mui compassivo para os atribulados e tentados, e tinha excelente maneira para os consolar e aplacar. Nunca soube querer mal a ninguém. E quando uma vez alguém lhe observou que parecia ter ódio contra certa pessoa, respondeu que nunca, em sua vida, soubera que coisa era querer mal».

Em meados de janeiro de 1578, o novo Governador-geral, Lourenço da Veiga, quer visitar as aldeias indígenas. Ele já vem prevenido contra o trabalho dos jesuítas. Padre Gregório Serrão, a pedido do Provincial, o acompanha por todo o percurso, dando todas as informações que ele pede.

Vendo a disponibilidade com que Anchieta e os jesuítas o atenderam, e verificando o trabalho realizado por eles, o governador logo se convence de que fora enganado por homens cobiçosos, que atentavam contra a liberdade dos índios, defendida pelos missionários. Lourenço da Veiga abandona os preconceitos e promete proteger sempre a liberdade dos catequizados.

As autoridades, influenciadas por querelas e disputas típicas da metrópole, não raro colocam em dificuldades o Provincial dos Jesuítas na colônia. E isto acontece não apenas com relação a autoridades civis, mas também a autoridades eclesiásticas.

Nesse tempo, em Portugal e Espanha, começa a se formar entre os jesuítas um quase partido dos rigorosos, provocando divisões e inquietações. E quando o visitador Padre Cristóvão Gouveia, vem ao Brasil averiguar o trabalho dos missionários, espalha-se o receio de que Anchieta se sinta rebaixado diante daquele homem sério e enérgico, dotado de muitos títulos.

Padre José o recebe festivamente. Mas continua suas atividades com sua costumeira humildade. O Visitador não tarda a observar sua “demasiada caridade”, querendo dizer que sua bondade o levava à frouxidão. Mas no final de sua visita, é ele mesmo quem tece, depois, este elogio a respeito de Anchieta: «Homem fiel, prudente e humilde, e de todos muito benquisto, sem que haja ninguém que dele tenha queixa, nem possa achar palavra ou ato que tenha praticado mal».

(3 - continua)